

TURISMO E EXPLORAÇÃO SEXUAL: BREVE ANÁLISE SOBRE O APOIO ESTATAL ÀS PROSTITUTAS DE SANTOS-SP

Andréa Maria Abreu Borges

Instituto Federal de São Paulo, IFSP, Cubatão, São Paulo – SP, Brasil

Anna Beatriz Nobrega Amorim

Instituto Federal de São Paulo, IFSP, Cubatão, São Paulo – SP, Brasil

Nathalia Fernandes de Almeida

Instituto Federal de São Paulo, IFSP, Cubatão, São Paulo – SP, Brasil

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo estudar o fenômeno da prostituição de mulheres cisgênero através de uma vasta fundamentação teórica (desde Evelyn Reed e Engels até Simone de Beauvoir e Foucault) e como ela se manifesta na região central e portuária de Santos. Para isso, implementamos a análise em nossa área (turismo) e buscamos compreender através de um estudo de caso como o turismo com base na exploração sexual desenrola-se no município santista, a fim de cessar esta prática

Palavras-Chave: turismo, exploração sexual, prostituição, Santos SP.

Abstract: This research aims to study the phenomenon of prostitution of women by gender through a vast theoretical foundation (from Evelyn Reed and Engels to Simone de Beauvoir and Foucault) and how it manifests in the central and port area of Santos. For this, we implemented the analysis in our area (tourism) and sought to understand through a case study how tourism based on sexual exploitation unfolds in the municipality of Santos, in order to cease this practice.

Keywords: tourism, sexual exploitation, prostitution, Santos SP

INTRODUÇÃO

Sabemos que nossa sociedade é desigual em diversos aspectos. E um deles, é a iniquidade entre homens e mulheres. Presenciamos tantos casos de violência

doméstica contra mulheres, assédios moral e sexual, estupros, entre tantos outros tipos de violência sob nossas cabeças. O que nos resta saber é o porquê. Porque as mulheres são tratadas sempre como objetos ou como algo inferior?

Diante desses questionamentos, nós, mulheres, moradoras da região da baixada santista, envolvidas em causas de militância artística, estudantes do curso de Gestão em Turismo do Instituto Federal de São Paulo - IFSP e feministas, propomos a elaboração do presente artigo que visa debater questões de gênero, prostituição e patriarcado.

A ideia surgiu a partir de uma discussão de uma das elaboradoras desse artigo em um grupo feminista. Sendo colocada diante de opiniões divergentes e pouco fundamentadas, ela se viu impelida a estudar melhor o caso pra poder entender se a prostituição deveria ser regulamentada ou se ela precisa ser proibida.

Ao longo desta pesquisa, elaboramos com base em um vasto referencial teórico, possíveis respostas para nosso questionamento inicial. O assunto sobre prostituição e exploração sexual vai muito além de achismos, por isso, há aqui o desenvolvimento de um estudo de caso. Ao longo do texto discorremos sobre os temas: história da prostituição, explicando como ela surgiu no Brasil e a influência de suas legislações junto ao reconhecimento da profissão pela Classificação Brasileira de Ocupações - CBO. Discorre-se também sobre as possíveis motivações das mulheres para se tornarem prostitutas. Tratamos da exploração sexual e sua problemática no Brasil, ou seja, a falta de fiscalização e ainda como ela se mistura com o turismo de forma ilegal.

Discorremos sobre gênero, relações de poder, nascimento do patriarcado, introduzimos o estudo de gênero com Judith Butler para explicar o “ser mulher” criado socialmente e ainda entender que esse “ser mulher” nunca dependerá só de questões biológicas. Identificamos as repressões sofridas por mulheres ao longo dos tempos e que a passos lentos as mulheres conseguiram ter seus direitos básicos perante a sociedade, além da casa e família. Identificamos ainda como a falta da participação feminina nas decisões sociais pode acarretar em atrasos para as mulheres até os dias atuais.

A pesquisa recai na investigação acerca da formação da imagem de um “Brasil Sexual” possivelmente feita em conjunto com a colonização, a Empresa brasileira de Turismo- EMBRATUR, nos idos dos anos 70 e mídias como novelas e programas de TV. Em pesquisa prévia, identificamos que a zona portuária de Santos é um local conhecido pelos altos índices de prostituição e turismo com base na exploração sexual. Assim, acreditamos ser relevante uma investigação para detectar a condição das prostitutas cisgênero que atuam na região.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Submissão Feminina Breve Análise do Patriarcado, Gênero à Exploração e Violência Contra a Mulher

Nosso estudo começa com Evelyn Reed, uma escritora americana que é antropóloga e especialista no filósofo político Friedrich Engels. Reed é a responsável pelo livro “*Sexo contra sexo, ou classe contra classe*” (2008). Uma de suas explicações para entender o fenômeno do patriarcado, foi a descoberta da organização familiar na sociedade pré-histórica, pois tínhamos a dominância do matriarcado onde as mulheres cuidavam da casa, dos filhos e da organização da comuna e os homens cuidavam da caça e da pesca. Não havia a necessidade de se manter a monogamia, por tanto todas eram mães, mas não havia pais. A reviravolta se dá quando há a criação da propriedade privada:

“(..) quando surgiu o novo sistema de propriedade privada, o matrimônio monogâmico e a família, as mulheres se dispersaram e cada uma se converteu em uma esposa solitária e mãe confinada a um lar isolado.” (Evelyn Reed, 2008, p. 35).

Ou seja, nem sempre a sociedade foi patriarcal, apenas com a distribuição das mulheres como donas do lar de forma solitária é que as coisas começaram a mudar.

Para entender um pouco mais sobre o patriarcado, precisamos entender além de sua origem, o seu significado e conceito. A autora Heleieth Saffioti, escritora do livro “*Gênero. Patriarcado. Violência*”, tenta nos dar uma breve definição do que é o patriarcado. Para isso, ela cita outro autor em que ele diz que a mulher é um objeto de contrato entre homens. Segundo Pateman (1993):

“A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão da formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato.” (Citação de Pateman no livro de Heleieth Saffioti, 2004, p.56)

A autora completa o raciocínio de Pateman dizendo “que do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contamina toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado.”

Concluimos então com essas citações, que é inegável a existência do patriarcado e sobretudo, de uma hierarquia ou uma relação de poder entre ambos os sexos. Sendo a mulher submissa ao homem, e de preferência um homem branco e heterossexual. No entanto, devemos ter em mente que esta submissão ocorre através de diversas repressões contra as mulheres, principalmente a repressão sexual. Segundo Marilena Chauí (1991), repressão sexual é “o sistema de normas, regras, leis e valores explícitos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais genitais (...) definidos explicitamente pela religião, pela moral, pelo direito e, no caso de nossa sociedade, pela ciência também” (1991, p.77). Desde a criação do patriarcado, há uma imensa repressão sexual em cima de nós, mulheres. Uma questão que envolve muitas questões morais (abrangendo também a questão da religião). O homem, desde que conseguiu dominar a sociedade, tem medo de perder seus postos de comando, autoridade e poder. E aquele homem que é marginalizado e não possui representatividade no âmbito social, usa este poder dentro do campo privado.

Para os filósofos Karl Marx e Friedrich Engels, junto com a divisão social do trabalho, veio também a divisão sexual do trabalho (sentido aristotélico de trabalho masculino sobre o objeto feminino para a procriação, no sentido sociológico da divisão de papéis, funções, deveres e direitos entre os membros da família).

Contudo, podemos citar a hipótese repressiva de Michael Foucault citada no livro “*A história da sexualidade- a vontade de saber*”. Foucault acredita que os casais

são formados por um “modelo” que poderia ser completo mas a sociedade burguesa a restringe e a limita (“amor mal”) permitindo apenas algumas coisas. Restringe as sexualidades ilegítimas a lugares que possam dar lucro.

Ele reforça diversas vezes que “os últimos séculos nas sociedades ocidentais não mostrava a atuação de um poder essencialmente repressivo”, porém a hipótese repressiva não pode ser contestada já que ela se encaixa na nossa sociedade atual.

Fica subentendido então, que poder (análise política do poder) e sexo (repressão sexual) estão ligados. O autor reforça a ideia com a explicação de como funciona o regime binário:

“(…) permitido e proibido; lícito e ilícito. O sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. O poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem (jurídico-discursivo). (...) Puritanismo moderno, onde não se fala, a sexualidade é muda e hipócrita.”
(Foucault, 1984)

Analisando as citações de Chauí e Foucault, chegamos à conclusão do porque o último diz que “a sexualidade é muda e hipócrita”. Há a necessidade de criar mulheres que satisfaçam homens mais jovens e homens casados insatisfeitos com suas vidas sexuais. E sabendo que vivemos em uma sociedade capitalista, existe a cobrança desse serviço, que nada mais é, segundo o dito popular, “a profissão mais antiga do mundo”: a prostituição. Ao compasso que a sexualidade feminina é extremamente repreendida, ela é incentivada de forma “ilegal” segundo a moral imposta pela sociedade. “Os bordéis são tão indispensáveis quanto igrejas, cemitérios, cadeias e escolas.” (Foucault, 1984). Todos em localizações centrais das cidades e bairros. Citando Chauí, há a “Segregação visível e de integração invisível (p.80)”. Ou seja, existe e todos sabem, mas ninguém realmente olha para o problema.

No segundo livro de Michel Foucault “*A história da sexualidade- o uso dos prazeres*”, o autor começa a costurar a problemática da prostituição face à moralização sofrida dentro da sociedade patriarcal e cristã:

“É sem dúvida, um traço, comum a muitas sociedades que as regras de conduta sexual variem segundo a idade, o sexo, a condição dos indivíduos, é que obrigações e interdições não sejam impostas a todos da mesma maneira. Mas, para se ater ao caso da moral cristã, essa especificação se faz no quadro de um sistema global que define, de acordo com

princípios gerais, o valor do ato sexual, e indica sob que condições ele poderá ou não ser legítimo, sendo a pessoa casada ou não, ligada ou não por votos etc. Trata-se aí de uma universalidade modulada.” (Foucault, 1984, p.72)

Foucault explica em seu livro que, no ato sexual o sujeito que penetra torna o outro um objeto sexual e ainda que a relação sexual entre homens e mulheres tem como "agente ativo" - o homem - e como "agente passiva" - a mulher. Esse pode ser considerado um dos fatores que dita o sexo feminino como inferior. Pois, se estudarmos a prostituição feminina com base no "ser mulher" construído socialmente, veremos então que as mulheres além de serem inferiores têm seus direitos inferiorizados. De acordo com o livro, "se a mulher se prostitui por razões puramente financeiras, isto para ela é um "sacrifício", termo de forte conotação religiosa recorrente (p.13)".

Contudo, a afirmação nos faz pensar nos possíveis motivos que levam a mulher à prostituição e um desses motivos seria o baixo salário. Indo mais a fundo, o baixo salário dessas mulheres poderiam ser justificados pelo início antecipado no mercado de trabalho com empregos não regulamentados (quase 70% das mulheres prostitutas não têm uma profissionalização, segundo dados da Fundação Municipal para Educação comunitária - FUMEC), ou ainda o fato de a maioria das mulheres que se prostituem serem da classe C e negras, sendo isso um fruto da escravidão brasileira. E conseqüentemente, à uma forte negação da existência da profissão. Segundo Foucault (1984), isso se dá porque

“(...)associa-se a atividade sexual ao mal a uma regra de monogamia procriadora, a condenação das relações de mesmo sexo, a exaltação da continência.” (Foucault, 1984, p.21)

Com a repressão sexual sobre as mulheres e a condenação do sexo como algo impuro, não se vê necessidade de praticá-lo de outra forma que não seja a de sua função procriadora. Por isso, a profissão não é aceita.

No Brasil a prostituição não é aceita, mas também não é configurada como crime. Ela é configurada como uma atividade lícita, porém não é uma profissão regulamentada. O que realmente se configura como crime é a terceirização desse serviço, que nada mais é que a exploração sexual (de acordo com os artigos 227, 228, 229 e 230 da Lei nº12.015 do Código Penal Brasileiro).

1.2 O Gênero Segundo Judith Butler

A autora em seu célebre livro “Problemas de gênero- feminismo e subversão da identidade” problematiza os papéis sociais definidos às mulheres ao longo da história.

Ao lermos sua obra, conseguimos identificar que “*ser mulher*” não é apenas determinado pelo seu sexo biológico, mas também por outros diversos fatores. Ou seja, o gênero ficou intrinsecamente ligado às noções culturais e políticas produzidas e acreditadas por uma sociedade. Como já foi discutido, a sociedade pré-determina traços e gostos que deveriam ser relacionados a cada sexo. Como por exemplo, que meninos ganhem bola e meninas ganhem panelinhas, reforçando estes estereótipos e os papéis de gênero que se retem há séculos.

por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo (Judith Butler, 1990, p.24)

Butler assume as falas de Simone de Beauvoir com a intenção de explicar como nasce uma mulher. Com o pensamento de Beauvoir, há a constatação de que toda mulher é formada através daquilo que o meio lhe molda e do que lhe é imposto. Simone de Beauvoir sugere, em *O Segundo Sexo*, que ‘a gente não nasce mulher, torna-se mulher’. (1990, p.27)

As mulheres são ensinadas desde cedo que são o ‘sexo frágil’, que devem se calar frente aos homens, serem fiéis e que precisam cuidar da casa e da família. Essa é a função determinada ao sexo feminino. Porém quando falamos de gênero, a função se abrange.

1.3 AS PROSTITUTAS E CORTESÃS NA VISÃO DE SIMONE DE BEAUVOIR

O livro *O Segundo Sexo* (1949) da autora, filósofa e antropóloga Simone de Beauvoir, conta com duas partes onde ela defende suas teorias. A primeira é envolta de mitos que cercam o ser feminino, visto como negativo. E a segunda parte, é a história, relatando dados e diversas posições femininas socialmente impostas durante todo o andamento da humanidade.

Para a autora, a formação da mulher começa desde a infância, passando por diversas fases e constituindo um produto final de uma mulher moldada pela sociedade como escrava do homem, feita para servir em todos os sentidos, cuidar de todas as formas e se anular de todos os jeitos. Ser mulher em uma sociedade patriarcal significa “abdicar”. Abdica-se a vida toda, de seu querer, de sua personalidade, de seus gostos, de seu prazer, de seu eu, para ser o outro. O outro sexo. O segundo sexo.

Para iniciarmos o entendimento deste capítulo em questão, é preciso deixar evidente a diferença das prostitutas e das cortesãs. As prostitutas são profissionais do sexo, pagas apenas pelas horas que praticam o coito. As cortesãs são mulheres que conhecemos hoje em dia como “acompanhantes” (relembramos que a obra foi escrita em 1949), além dos serviços sexuais, essas mulheres prestavam serviços ligados ao emocional do seu cliente.

Para Simone de Beauvoir, o principal motivo que leva as mulheres à prostituição, é a falta de emprego e oportunidade de trabalho para essas mulheres, e qualquer tipo de trabalho que apareça numa recessão, elas aceitam. Ou seja, a prostituição está intrinsecamente ligada ao capitalismo. A autora inicia o capítulo dizendo que a mulher é destinada socialmente ao casamento através do patriarcado, porém, o homem mesmo não se satisfaz com aquele padrão em que ele cria e para isso ele recorre às prostitutas. Ele poderia ter duas mulheres ou mais numa relação poligâmica, mas ele segue o padrão cristão e isso o incomoda, fazendo assim, com que a prostituição seja uma válvula de escape da realidade conjugal.

Beauvoir compara a mulher casada com a prostituta, dizendo que elas fazem o mesmo tipo de contrato, a única coisa que se difere é o tempo de serviço e o preço que se paga. A prostituta se vende por algumas horas a vários homens, e o que ela recebe em troca é o pagamento em dinheiro. A única diferença legítima entre essas duas, é que a mulher casada é vista na sociedade, é respeitada como ser humano e a prostituta é invisível e é subjugada aos seus direitos de cidadã comum. A prostituta representa todas as figuras inerentes à escravidão feminina.

Algumas mulheres acreditam que a prostituição é “estupro pago” justamente por isso, por elas acharem que gostam do que fazem e que estão inseridas na

sociedade, mas na verdade elas são levadas a acreditar nisso desde muito cedo, elas não sentem o prazer realmente em fazer o que fazem.

“ainda infantis, assexuadas, pouco sensuais, acreditam poder brincar com o fogo impunemente; um dia um homem as toma a sério e elas passam dos sonhos aos atos” (BEAUVOIR, 2016, p.367)

A autora diz isso porque a sexualização do corpo feminino se inicia cedo, a criança ao reproduzir atos de mulheres adultas (vestimenta, trejeitos, companhias de homens adultos), ela acaba se entregando àquele homem que lhe oferece “proteção”. A prostituição das mulheres e meninas torna-se não uma escolha delas, e sim dos outros. Ela perpassa rapidamente pela maternidade, afirmando que algumas mães acabam se prostituindo para dar alimento e uma vida digna para a criança e poucos quase raros são os casos em que elas abandonam seus filhos.

Tanto Beauvoir quanto Foucault (1977) frisa a importância dos laços que as prostitutas criam com outras mulheres, a rede de amparo feminino na prostituição é extremamente válida e importante, mesmo muitas vezes sendo alvo de rivalidade entre elas. É nessa rede que elas encontram o verdadeiro “colo” e a verdadeira proteção. Algumas criam laços homossexuais com outras mulheres onde despejam realmente o prazer e o amor, cansadas e enojadas dos homens. Além desses laços, entram em cena os “financiadores”.

Os “financiadores”, conhecidos como cafetão ou cafetina, são pessoas que além de garantirem a proteção da mulher, “investem” nessas mulheres para adentrarem a prostituição através da compra de roupas, jóias, maquiagens, sapatos, entre outras coisas. A troca consiste na venda de seus corpos para o cafetão em troca de proteção, garantindo o direito deste homem em cima da mulher, ele se apropria dela como se fosse seu dono. Isso dificulta a saída da prostituição, pois a partir desse momento ela se torna posse de alguém.

adianta-lhe dinheiro para que compre vestidos, defende-a contra a concorrência de outras mulheres, contra a polícia – é ele próprio, por vezes, um policial – contra os fregueses (BEAUVOIR, 2016, p.371)

Para uma mulher continuar submissa ao “financiador” que na maioria das vezes é um homem, é criada a ilusão de que há amor entre os dois como um casal. Torna-se algo que favorece o amor-religião, vira algo pior do que o casamento matrimonial,

pois há a ilusão da liberdade sobre si e seu corpo e isso se torna um paradoxo. Beauvoir admite que há duas formas de uma mulher se tornar escrava da prostituição: a primeira consiste na ilusão do amor pelo seu “financiador” e a outra pela repulsa e ódio deste, mas que transforma todos esses sentimentos em medo por viver uma ameaça constante de morte, estupro, espancamento, tortura, perseguição e etc.

Apesar de todos esses poréns, não é a situação moral ou psicológica que pesa na vida da prostituta, o problema é econômico. Elas se humilham, vendem seus corpos, e continuam pobres, sem nenhuma elevação social. Ela afirma que a maioria das prostitutas são marginalizadas, não são cortesãs (ou acompanhantes), se prostituem por preços irrisórios e contextualizando ao Brasil atual, há o recorte de raça, onde as mulheres são maioria de origem preta, vindas de bairros pobres e favelas.

A visão da sociedade em cima dessas mulheres é de extremo preconceito tornando-as invisíveis, a violência policial é constante e a fiscalização de ilegalidades (como a exploração sexual) deixa a desejar, além da vida difícil nas ruas, ainda sofrem com o peso das exigências e caprichos dos clientes e a iminência de contração de DST's. As condições das prostitutas são completamente desumanas. Para isso melhorar, entendemos a partir de nossos estudos e com a seguinte fala de Beauvoir, que a partir da supressão das faltas que existem para essas mulheres, é que será suprimida também a prostituição:

Não é evidentemente com medidas negativas e hipócritas que se pode modificar a situação. Para que a prostituição desapareça, são necessárias duas condições: que uma profissão decente seja assegurada a todas as mulheres; que os costumes não oponham nenhum obstáculo à liberdade do amor. É somente suprimindo as necessidades a que atende que será extinta a prostituição. (BEAUVOIR, 2016, p. 375)

1.5 A Raça Como Fator Hegemônico Na Prostituição

Analisando toda a estrutura escravista e o início da prostituição no Brasil, conseguimos depreender a extrema ligação que esses dois elementos constituem na realidade atual da prostituição das mulheres cisgênero.

A representação da mulher negra vem desde as cartas de Pero Vaz até o naturalismo brasileiro com personagens como Rita Baiana, isso faz com que o estereótipo da mulher negra seja sempre reforçado, principalmente pelo reforço de designações como “mulata” ou “morena”. Nós, mulheres negras e brasileiras, somos conhecidas pelos nossos corpos estruturais, pelo erotismo que nos envolve, pelo sexo fácil, entre outras ressignificações que nos foram dadas ao longo dos séculos. Ao abrir qualquer site pornográfico e entrar nas seções brasileiras, as principais chamadas são “brasileira morena/mulata”. O estereótipo ainda se fortalece.

Assim, desde o contexto da escravidão, o corpo da mulher negra tem sido visto como símbolo de uma essência feminina “natural”, próxima da natureza, com características animais e primitivas (Tatiana Raquel Reis Silva, 2008, p.4)

Em contrapartida, esse tópico criado em face às mulheres negras, serve apenas em relação ao sexo, ao ato carnal, à prostituição. O casamento, representado pela elevação de status e de poder social, através de dados tomou-se o conhecimento de que ele pouco acontece entre pessoas da mesma raça.

Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgada nesta quarta-feira comprova que a raça é fator predominante na escolha de parceiros conjugais. Dados do Censo 2010 mostram que 70% dos casamentos no País ocorrem entre pessoas de mesma cor e que as mulheres pretas (7% da população) são as que menos se casam. (FONTE: IBGE)

Contudo, confirmamos que ao saber que o contingente de pessoas autodeclaradas negras no Brasil soma 54% da população e que apenas 17% desse total é a parcela mais rica do país (fonte: IBGE 2015), concluímos que a maioria da população pobre, é preta. Ainda sobre dados, a mulher negra representa um quarto da população do Brasil (IBGE 2010) sendo a maior população existente no país. E ainda assim, continua sendo a população mais marginalizada com falta de emprego, moradia fixa e maternidade solo.

Para concluir, entendemos que a mulher negra é maioria no país e também é maioria marginalizada. Isso explica o fato de mulheres negras serem a maioria também na prostituição. Com falta de assistência por parte do Estado, para sobreviver, a mulher negra recorre à venda de seu próprio corpo, começando desde

muito jovem. Infelizmente, a raça torna-se fator influente na prostituição desde a colonização brasileira. A imagem atual do Brasil reforça os estereótipos que nós mulheres negras, carregamos há tantos séculos, contribuindo de forma extremamente negativa para a pluralização da prostituição, nossos corpos continuam sendo violados, e a miscigenação continua a acontecer através de suscetíveis estupros em uma demonstração de poder. O homem branco continua detendo todo o poder.

2.2 Posfácio - Na Contramão da Proteção

O Brasil teve parte de sua imagem formada no exterior pela Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) e, essa imagem ficou no imaginário dos turistas desde então, mas para entender os problemas que a imagem criada causou precisamos entender de fato a definição de imagem e de acordo com o artigo “A imagem do Brasil como destino de turismo sexual na produção acadêmica de dissertações e teses” temos quatro tipos: a orgânica, a induzida, a complexa e, a prévia. Então:

Gunn (1972, p.24, tradução nossa) apresenta dois níveis de imagem: a imagem orgânica e a imagem induzida. A primeira corresponde aos “resultados das assimilações dos leitores de materiais vindos de jornais, periódicos e livros”, ou seja, informações obtidas a partir da história, de reportagens e de conversas de pessoas a respeito ou assuntos da localidade sem a intenção de vender o local. Já a imagem induzida é aquela resultante da “propaganda literária, artigos de revista, livros-guias, televisão, pacotes de viagens turísticas e promoções por viagens de negócios” (GUNN, 1972, p.24, tradução nossa), logo, é a imagem gerada a partir da publicidade e da propaganda que as localidades e empresas usam para vender seus destinos turísticos. (2015, p.170)

Apesar do esforço a partir dos anos 1990 com campanhas para mudar essa imagem induzida de Brasil Sexual ainda houve empresas indo pelo caminho contrário como a Wet – a – line agência de viagem internacional que divulgou roteiros de turismo sexual para o estado do Amazonas disfarçado de roteiros de pesca em 2011, isso diz muito sobre o sistema de segurança do Brasil que permitiu uma empresa estrangeira exercer serviços aqui proibidos. Tivemos também de acordo com Cavalcante e Malerba em 2010,

Um exemplo foi a Last Minute Travel, agência europeia que usou, em um de seus comerciais, em 2010, uma mulher negra que chegava à casa de um estrangeiro – casado e com uma filha – apresentando o filho – extraconjugal – que eles tiveram, enquanto ele e sua família estavam de férias no Brasil e, com o tom cômico, nele para vender o Brasil como produto turístico. (2015, p.177)

E em 2014 (ano da COPA) a produção de camisas pela empresa Adidas contendo apelo sexual relacionados ao Brasil e suas “mulatas” (termo altamente errôneo ao se dirigir à negras de pele clara). Apesar de neste caso a EMBRATUR se mobilizar contra o ato e as camisas serem rapidamente tiradas de circulação, fica ainda o questionamento: existe entre as empresas atuantes no Brasil alguma forma de comunicação a respeito do que devemos combater socialmente?

Todos esses são exemplos que colocam o Brasil ainda hoje em uma posição de país sexual e libertino e oferece poder a qualquer estrangeiro que queira fazer parte disso, podendo prejudicar o dia a dia dos corpos que aqui residem e a ascensão no mercado turístico global, visto que durante muito tempo vendemos corpos e não destinos turísticos.

Em 2014, ano vigente de seu cargo a ex-presidenta Dilma Rousseff se posicionou em suas redes sociais e disse que “O Brasil está pronto para combater o turismo sexual durante a Copa” em meio ao advento das camisas Adidas. Com uma declaração como essa, espera-se que haja uma mudança nos dados ou que pelo menos hajam mais políticas públicas contra o turismo com base na exploração sexual.

Contudo, tivemos no ano atual (2019) a declaração do presidente vigente, Jair Bolsonaro, em um café da manhã com jornalistas, em que ele reproduz todos esses estereótipos brasileiros: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. Agora, não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro”. A declaração teve nítido apelo sexual e homofóbico, colocando mais uma vez o Brasil em posição de paraíso sexual ao invés de promover nossos destinos turísticos.

Em resposta à declaração do atual presidente, tivemos a importante manifestação de diversos estados brasileiros, da Organização dos Advogados do Brasil (OAB), além da petição feita pela união de coletivos de mulheres brasileiras

como o DeFEMde, Movimento da Mulher Negra Brasileira - MMNB, Mulheres pela Justiça, ColetivA de Mulheres Defensoras Publicas do Brasil, Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, Federação das Mulheres Paulistas, Confederação das Mulheres do Brasil, Coletivo Mais Respeito entre outros coletivos femininos e ações. Podemos considerar este um passo importante para o início do combate ao imaginário brasileiro de paraíso sexual no Brasil

2. ANÁLISE

Após revisar e entender toda a fundamentação teórica proposta durante o estudo, fizemos na cidade de Santos uma busca entre prefeitura, secretarias, ONGs, órgãos públicos e privados a fim de encontrar projetos que contemplem essas mulheres, além de projetos que visem melhorar as condições de vida das profissionais.

Ao coletarmos os dados, analisaríamos as condições de vida de uma prostituta da zona portuária de Santos. Para enfim, tentamos entender o motivo de estarem nessa profissão e também o tipo de invisibilidade que sofrem, e se sofrem.

No início desta pesquisa, pretendíamos descobrir os motivos que levam uma mulher à prostituição, levantamos questões de dois âmbitos feministas: o radical x o liberal. A prostituição é estupro pago e por isso tem que ser erradicada ou a mulher é dona do próprio corpo e por isso decide o que fazer com ele? Ao longo do estudo, conseguimos obter essa resposta conforme foram sendo coletados os dados e o levantamento bibliográfico foi sendo feito. Pouquíssimos são os casos em que as mulheres entram por livre arbítrio, por desejo ou por vontade.

Observando Santos e suas políticas, suas ruas, sua história, conseguimos depreender muito sobre o assunto. Através de pesquisas e entrevistas em diversas secretarias, tivemos respostas negativas quanto à criação de políticas públicas na cidade para mulheres marginalizadas que se prostituem.

As principais áreas de prostituição na cidade santista são a Zona Portuária e o Centro Histórico de Santos, a rua que mais é conhecida pelas suas casas noturnas, o movimento em calçadas de mulheres cisgênero e travestis, é a Senador Feijó. Em

plena luz do dia, mulheres vendem seu corpo por preços variáveis, fazem uso de ilícitos e até a exploração de menores é visível.

O bairro do Paquetá é conhecido em toda a baixada santista por suas ruas movimentadas com bares, música, eventos de rua e também pela prostituição. Por ser na zona portuária, ele é movimentado por marinheiros, capitães e turistas. É naquele local que a noite ganha vida, mulheres desfilando com roupas curtas nas suas esquinas, prostíbulo e bares abertos. Santos é o principal ponto na Costa da Mata Atlântica de turismo com base na exploração sexual.

Sabendo que a exploração sexual não só de mulheres adultas, mas também de crianças, tornou-se um grande problema na região, alguns programas foram criados ao longo dos anos. E na mesma velocidade em que foram criados, foram extintos. É o caso do programa “Sentinela”, que existia em todo país e foi extinto em 2005. O programa ganhou dois prêmios como “melhor programa do país”, pois ele combatia diretamente a violência contra a mulher prostituta e protegia meninas menores. Desde então, o município segue desassistido, sem políticas públicas eficientes na maioria das áreas (Secretarias de assistência social, turismo e cultura), existindo apenas um projeto de prevenção de DST’s na secretaria da saúde do município de Santos.

Quando finalmente entendemos a prostituição e o motivo de ela estar tão presente em uma cidade turística e portuária, entendemos também o quão necessário se faz o estudo para o alavancamento de ações que mudem a vida dessas mulheres. Residentes de Cubatão, uma área tão próxima de Santos, estudantes de turismo, é de suma importância, quase uma responsabilidade ou obrigação, tocarmos em um assunto tão invisível e de certa forma, desagradável para alguns. O motivo de estudarmos nasce da invisibilidade das mulheres prostitutas, em uma alta contingência da profissão em zonas portuárias e litorâneas por motivos tão historicamente enraizados. Nós, como mulheres negras e feministas, estudantes de turismo, sentimos a necessidade de entender a realidade das mulheres marginalizadas que se prostituem, do por que isso ocorre e como podemos acabar com a terrível condição subumana em que elas se encontram.

Para tanto, nada melhor do que começar pela nossa própria região, ao tentar mudar e conscientizar minimamente as autoridades e as secretarias. Visitamos todas as secretarias municipais que poderiam apresentar qualquer tipo de projeto que incluísse e atingisse prostitutas. Os resultados foram piores do que imaginávamos. Abaixo, segue a tabela de projeção feita para o município de Santos. Nessa tabela colocamos também, o grau de dificuldade para contatá-la em uma escala de 0 a 5, sendo 0 a de menor dificuldade e 5 a de maior dificuldade.

ORGÃO PÚBLICO	GRAU DE DIFICULDADE PARA CONTATO	PROJETOS PARA MULHERES PROSTITUTAS	ESPECIFICAÇÃO DE PROJETOS
Secretaria de Desenvolvimento Social	2	Nenhum	
Secretaria de Turismo	5	Nenhum	
Secretaria de Saúde	5	1	Prevenção de DST's com coquetéis
Secretaria de Cultura	0	Nenhum	
Secretaria de Assistência Social	5	Não tivemos conhecimento devida a dificuldade de contato	

Fonte própria elaborada pelas autoras

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno que paira sobre o turismo com base na exploração sexual, abrange diversas visões para que possamos entendê-lo e combatê-lo. Na perspectiva de gênero, depreendemos que a mulher vem sendo subjugada desde os primórdios da civilização, a partir do nascimento do capital e da propriedade privada, sendo

excluída da sociedade e confinada a condição de esposa, dona do lar e mãe. As mulheres que não seguiam a esse padrão eram hereges e consideradas marginais dentro da sociedade. Hoje em dia, isso pouco mudou.

As prostitutas são mulheres que ao mesmo tempo em que são parte integrante da sociedade, são invisíveis por causa dos seus comportamentos, jeitos e vestimentas. É uma parte tocante, mas que ninguém quer tocar. Ainda mais no Brasil, em que sua maioria além de mulheres, é negra e vinda da periferia.

A problemática do turismo com base na exploração sexual no Brasil começa com a marginalização da população negra desde o fim da escravidão e os constantes estupros e abusos das mulheres negras ainda como escravas. A visão da mulher negra e brasileira foi sendo criada em cima de um estereotipo colonizador, onde a mulher é um objeto de fantasias sexuais, encorpada, quente no sexo e sensual.

Após o fim da escravidão, a população negra tomou conta dos arredores das grandes cidades e destinada a pouca acumulação de capital, sendo assim, algumas mulheres viram como saída para o ingresso no mundo do trabalho e para sua sobrevivência e independência, a prostituição. Além disso, a literatura brasileira descrevia as mulheres negras alforriadas exatamente como esse estereotipo já criado, o que atinou ainda mais a imagem que os estrangeiros já tinham sob a mulher brasileira.

Sabendo disso, analisamos as imagens e fotos divulgadas pela EMBRATUR na década de 70, onde divulgam a mulher como parte dos atrativos turísticos brasileiros. Mulheres de biquínis, seminuas, bronzeadas, chamando assim os turistas para conhecer o país. Essa foi a propaganda feita pelo instituto brasileiro de turismo, onde a mulher quase nua é vendida como atrativo. Acreditávamos que esse era o grande motivo de existir o turismo com base na exploração sexual, mas entendemos que o problema é muito maior do que uma simples propaganda.

No estudo de caso, visitamos as secretarias da principal cidade da Costa da Mata Atlântica – Santos – para sabermos se havia algum projeto destinado às mulheres cisgênero que se prostituem, e percebemos que apenas a secretaria de saúde tinha uma cartilha de prevenção às DST's para as mulheres que se prostituem. Contudo, uma entrevista nos chamou a atenção que foi a entrevista do Vitor Iglesias

da secretaria de cultura, percebemos que realmente, desde muito antes da divulgação da imagem das mulheres pela EMBRATUR, o turismo com base na exploração sexual já acontecia em território brasileiro. A imagem construída de um Brasil de libertinagem, samba e futebol, vem de muito antes, sendo que as propagandas só reforçaram o estereotipo.

Sabendo a história da prostituição e da fama que carregamos, nossa pesquisa para o trabalho de conclusão de curso nos inspirou a realizar outra investigação para nosso projeto de extensão que está em andamento, mas dessa vez contemplando as travestis e a prostituição em todo o estado de São Paulo. A fim de atinar a importância do estudo de sexualidade, gênero e prostituição, iremos fundo no estudo e na cobrança de políticas públicas pelo governo do estado.

Entendemos que a prostituição nasce de uma necessidade de sobrevivência, acima de tudo. Poucas são as mulheres que se prostituem porque realmente gostam, costumam, muitas vezes desde a infância, uma vida de traumas. A necessidade de reafirmação dentro de uma sociedade capitalista, patriarcal, racista e homofóbica, vêm junto com a necessidade de sobreviver.

Lendo Foucault e Beauvoir e fazendo o estudo de caso, concluímos que não é, de forma alguma, acabando com a prostituição de forma drástica e com diversas proibições, que a mulher se liberta. É dando condições, através da arte, cultura, emprego, cursos, moradia, entre outras coisas fornecidas pelo Estado, que se muda a vida dessas mulheres e lhes fornece a chance de mudança. Entendemos também, que a prostituição é a personificação do patriarcado, de nada é empoderador às mulheres, é criada a imagem de uma falsa simetria e liberdade, mas elas continuam tão presas quanto a mulher casada, e além de presas, seguem invisíveis. A imagem só muda quando há condições para tal. No Brasil, essa chance ainda não lhes foi dada.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo volume 2: a experiência vivida**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016;

BEZERRA, Mario. **Profissionais do sexo e o Ministério do Trabalho**. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5233. Acesso em 15/04/2019.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 24/05/2019

CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta de pero Vaz de Caminha**. NEAD- Núcleo de Educação a distancia, UNAMA – Universidade da Amazônia. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/paulomartins/livros-classicos-de-literatura/a-carta-de-pero-vaz-de-caminha-em-pdf>. Acesso em: 01/05/2019

CASEMIRO, Renata. **Mulheres de Família: Papeis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912457_2011_pretextual.pdf. Acesso em: 15/04/2019;

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991;

COUTO, Varlei. **Foucault e a Prostituição ou a Vida das Mulheres Infames**. Natal – RN, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371299433_ARQUIVO_Foucault_eaprostituicaoouavidadasmulheresinfames.pdf Acesso em: 12/05/2019

ENGELS, Friedrich. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1984;

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015;

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015;

PRADO, Louise. **EMBRATUR: Formadora de imagens da nação brasileira**. Campinas, 2006. Disponível em:

http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279143/1/Alfonso_LouisePrado_M.pdf. Acesso em: 23/04/2019;

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. 2. ed. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008;

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.